

Entre matas e margens: uma poética do imaginário e encantamentos

Between woods and shores: a poetics of imagination and enchantment

Eulisson Nogueira de Sousa¹

Resumo: Este artigo se propõe a refletir o atributo do imaginário, do encantamento e da água como elemento central em duas narrativas: *Órfãos do Eldorado*, de Milton Hatoum, e *A terceira margem do rio*, de João Guimarães Rosa. Textos que como as águas que se encontram e se misturam, ainda que diferentes - a narrativa em gênero novelístico e a narrativa em conto, não sendo este o objeto da nossa reflexão - confluem e desagüam em uma navegação por narrativas-rios - água - condutoras das estórias, de vidas em trânsito, de sujeitos subalternizados, marginalizados e excluídos, dos rincões da Amazônia ao profundo o Sertão. O roteiro teórico parte da reflexão a respeito do imaginário amazônico e sua poética, de João Jesus de Paes Loureiro (2015) e Leandro Tocantins (1988), passando pelos estudos de Gaston Bachelard (2018), Neide Gondim (2019), Ana Pizarro (2012) entre outros que contribuam para com as questões suscitadas neste trabalho. As águas carregam suas encantarias, se unem ao discurso do sertanejo, do caboclo, do ribeirinho e do nativo na construção de sua memória e identidade, são águas-encantos que banham as margens, irrigam as matas e evocam o pertencimento.

Palavras-chaves: Imaginário; Matas; Margens; Hatoum; Rosa;

Abstract: This article aims to reflect on the attribute of imagery, enchantment and water as a central element in two narratives: *Orphans of Eldorado*, by Milton Hatoum, and *The Third Bank of the River*, by João Guimarães Rosa. Texts that, like waters that meet and mix, although different - the narrative in the novelistic genre and the narrative in the short story, which is not the object of our reflection - converge and flow into a navigation through river-narratives - water - that conduct stories, lives in transit, subalternized, marginalized and excluded subjects, from the corners of the Amazon to the depths of the Sertão. The theoretical roadmap starts with a reflection on the Amazonian imaginary and its poetics, by João Jesus de Paes Loureiro (2015) and Leandro Tocantins (1988), and includes studies by Gaston Bachelard (2018), Neide Gondim (2019), Ana Pizarro (2012) and others who contribute to the issues raised in this work. The waters carry their enchantments, they join the discourse of the sertanejo, the caboclo, the ribeirinho and the native in the construction of their memory and identity, they are enchanted waters that bathe the banks, irrigate the forests and evoke belonging.

Keywords: Imaginary; Woods; Margins; Hatoum; Rosa;

“As águas sabem
Nenhuma boca humana,
descobriu o que escondi de mim,
nem revelou o fulgor que me perdeu.
Ninguém me disse a verdade
como o silêncio molhado
das sonoras profundezas.”

Thiago de Mello

¹ Doutorando em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), eulisson.nogueira@unemat.br, <https://orcid.org/0000-0001-7340-9892>

Introdução

De certo que nas tradições mitológicas gregas, indígenas, africanas, hebreias, a água se constitui como elemento fundador, simbólico, como sinônimo de fertilidade, purificação e criação. É a água que carrega o sêmen, que abriga a vida em gestação, que benze e que purifica. Água que dá vida, que semeia, que corre, água-símbolo, “elemento mais feminino e mais uniforme que o fogo, elemento mais constante que simboliza com as forças humanas mais escondidas, mais simples, mais simplificantes” (Bachelard, p. 06, 2018) assim, são as imagens substanciais da água, um ornamento das paisagens, que muito mais que embelezar, carregam a força das profundidades e dos seres que nela habitam.

Água que corre dos Andes e forma os rios da Amazônia, são como as águas que banham o sertão, que formam o São Francisco, do grande sertão, que frutifica e fortalece a vida severina nos rincões do país. Na Amazônia “a água ocupa o primeiro lugar entre os agentes do dinamismo geológico” (Tocantins, 1988) que vão desde a erosão, as chamadas terras caídas, expressão ribeirinha, até o transporte desses resíduos na foz que deságua no oceano, são águas-caminho. Nesse transportar essas águas levam vidas, histórias, encantos, encantados e memória.

Ao refletir sobre a poética das águas e os encantamentos que dela advém ratificamos a posição de que a cosmogonia amazônica se diferencia de qualquer outro lugar tendo os sujeitos amazônicos uma relação de irmandade com a natureza e que a partir dela constroem sua identidade. Na margem encontramos semelhante encantamento e respeito aos seres que habitam as águas, posição constantemente discriminada por alguns, sobretudo os que olham para a terra como lugar de exploração, como sendo algo de interiorano que “acredita nas coisas”, expressão utilizada como forma de ridicularização.

Os textos de Milton Hatoum e Guimarães Rosa nos permitem uma navegação por narrativas-rios – água – condutores das estórias, de vidas em trânsito, de sujeitos subalternizados, marginalizados e excluídos, dos rincões da Amazônia ao profundo o Sertão. Essas águas narram a cosmogonia nos lugares e mostram a identidade de um povo que estabelece uma relação de comunhão com o imaginário que os cerca.

1. Rios e margens

“O rio que anuncia as cidades é o mesmo que oculta aqueles que, por vezes, não querem ver”, afirmam Sônia Sampaio, Mara Genecy e Larissa Gotti, em seu ensaio, *Escritos de*

Margens e outras vozes (2020); as margens nos ajudam a enxergar outras margens e através dos rios, tão importantes para a Amazônia e para o Sertão, é possível observar no curso das águas a condução das narrativas dos sujeitos sociais desses lugares e dos encantamentos que a eles pertencem.

Os sujeitos, os encantados e as encantarias estão vinculadas as águas, ao devaneio das águas, impregnadas no imaginário caboclo, ribeirinho, indígena e sertanejo, na verdadeira água do devaneio, como afirma Bachelard “a água doce é a verdadeira água mítica” (Bachelard, p. 158, 2018) e através dessas águas os sujeitos se confluem, fecundam a vida e constroem sua própria história. Os rios são fatores dominantes na paisagem, na vida, na cultura e na literatura dos sujeitos amazônicos, uma grande metamorfose

Prestigiador da realidade, ele transfigura, hipnotiza, solapa, restaura, faz aparecer e reaparecer ilhas, esconde embarcações encantadas na manga e sua casaca de ondas, devora cidades, alimenta populações, guarda em suas profundezas ricas encantarias habitadas pelos botos, uiaras, anhangas, bouinas, cobras norato (...) Sobre ele viaja o caboclo observando, estudando a natureza, conhecendo os sinais da chuva, da tempestade, do vento da calmaria, dos dias e das noites. Guiando-se pelas marés, os homens têm, no regime de suas águas, os relógios reguladores da vida. (Loureiro, p. 138 – 139, 2018)

O rio rege a vida dos que por ele são cercados, as águas dizem dos sujeitos que nela habitam. O rio participa de tudo, desde as origens da criação, nas idas e vindas, nos sabores e dissabores, na realidade e no imaginário. A poética das águas firma o devaneio, a identidade, o conhecimento e o pertencimento do lugar. As águas dos rios são como espelhos d’água, afirma João Jesus de Paes Loureiro (2018), “têm também um olho na sua origem, um olho por toda a sua existência, uma vez que água que nós olhamos nos olha também.”

Como um Narciso encantado pelas águas, nossa imagem é repostada pelo espelho refletido nas águas calmas, algumas delas, profundas e multicolores dos rios. A viagem não é somente pelo curso das águas, é pela profundidade e pelo tempo; de uma sociedade regida pelo tempo das águas, para retomar *O rio comanda a vida* (1972), de Leandro Tocantins. O rio é o curso, o caminho, é, também, a alma das encantarias, dos encantados. Há sempre outros rios a passar, ele nunca é o mesmo, desgasta e acrescenta. Tudo depende do rio, a vida e a morte, a fertilidade, a descoberta, a união do mundo real e do imaginário. O rio, suas margens e encantamentos, como afirma Guimarães Rosa em entrevista, são grandes e profundos como a alma dos homens.

2 Do Eldorado a uma terceira margem

A terceira margem do rio é um dos vinte e um contos de autoria de João Guimarães Rosa que compõem a obra *Primeiras Estórias*, publicado em 1962. Um dos marcos da obra, assim como de outras obras de Rosa, é o manuseio da linguagem com a qual o autor produz a sensação de acontecimentos inusitados e comportamentos inesperados através de narrativas do cotidiano.

No conto temos a história de uma família interiorana, sertaneja, composta por pai, mãe e três filhos. Família tradicional, cumpridora dos deveres, de uma espécie de moral social, tendo na figura do chefe de família a memória do que seria a retidão: “Nosso pai era cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas” (Rosa, p. 79, 2001), era o homem que um dia se põe a cessar o curso “normal” de uma vida. Uma vida em sossego de uma família instalada numa fazenda próxima a um rio cumprido e enigmático.

Na trama hermética de Rosa, o sossego é rompido quando o pai resolve fazer para si uma canoa de tamanho específico “de pau vinhático, pequena, mal com a tabuinha da popa, como para caber justo o remador” (Rosa, p. 80, 2001); e com a exigência de que durasse mais de trinta anos, a fim de se embrenhar no meio das águas. Calado, assim como as águas do rio que o abrigaria, “nosso pai nada não dizia”, o velho homem resolve embarcar em sua solitária aventura, partindo para um não-lugar, perfazendo a sombra enigmática em formato de um jacaré.

Sem alegria nem cuidado, nosso pai encalçou o chapéu e decidiu. Um adeus para a gente. Nem falou outras palavras, não pegou matula e trouxa, não fez alguma recomendação. (...) Espiou manso para mim, me acenando de vir também, por uns passos. (...) O rumo daquilo me animava. (...) Ele só retomou o olhar para mim, e me botou a bênção, com gesto me mandando para trás. Fiz que vim, mas ainda virei, na grota do mato, para saber. Nosso pai entrou na canoa e desarrumou, pelo remar. E a canoa saiu se indo – a sombra por igual, feito um jacaré, cumprida e longa. (Rosa, p. 79, 2001)

Colocou o chapéu e seguiu em direção ao rio, acompanhado pelo filho-narrador, que ao pedir guarida na canoa recebe a bênção e a dispensa como ordem de voltar para casa, para a família, de se não aventurar nas águas daquele calado rio. O filho narrador quer ver, talvez como um Narciso, adorador de si mesmo o seu reflexo no pai e ambos o reflexo nas águas, uma vez que contemplação apazigua a infelicidade e o desastre das vontades, como afirma Bacherlard em *A água e os sonhos* (2018) a “separação entre a contemplação e a vontade anula

uma característica que gostaríamos de sublinhar: a vontade de contemplar”, uma vez que “o homem quer ver”, como uma necessidade direta que impulsiona o ser humano.

Várias são as tentativas de fazer com que o homem desista da ideia de se aventurar nas grandes águas, no que a própria mulher lhe diz “Cê vai, ocê fique, você nunca mais volte” (Rosa, p. 79, 2001), como uma forma de apresentar o que realmente não quer, embora em tom de ordenamento. No fundo, talvez, não queira a partida do homem amado, do pai de seus filhos. Há uma ideia de inversão nos ordenamentos do desejo.

A água é para o homem um atrativo de encantamento, que agora se faz Caronte, não do que leva a vida a outras margens, mas barqueiro de si mesmo, a navegação não como última viagem, mas como primeira viagem, num embarque em si mesmo, no conhecimento de si e de suas margens. Somente navega quem quer se aventurar, “para enfrentar a navegação, é preciso que haja interesses poderosos”, interesses quiméricos, de sonhos, de devaneio, e não de pura imaginação. A navegação é uma fábula e nesta fábula do homem, do pai, que nega guarida ao filho e se lança no meio das grandes águas, onde somente ele cabia.

Não há volta. “Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar” (Rosa, p. 70, 2001). O rio é o espaço, o lugar do devaneio, do encontro das águas e de si. Assim como a vida flui, as águas do rio fluíam e esta ação denota o tempo, o rito de passagem. O rio é o lugar das profundas afetividades, da emoção, das memórias, do cotidiano dos que vivem às suas margens.

O rio do homem misterioso e calado é o rio de Dinaura, são águas de mistérios. Assim como a água, a Literatura desempenha um papel fundamental para a existência dos seres vivos, uma vez que possibilita, através da linguagem poética, uma visão acerca da relação homem/natureza.

Dinaura é uma das personagens da novela *Órfão do Eldorado* (2008), do escritor amazonense, Milton Hatoum, uma indígena criada no orfanato das Irmãs Carmelitas, condição bastante comum das locais, e que se torna a grande paixão e mistério do narrador-personagem Arminto Cordovil. A novela é recheada de histórias do imaginário, de devaneios, de encantados e encantarias.

A história dos Cordovil é semelhante à de muitos que vieram à Amazônia com o desejo de fazê-la, de enriquecer e civiliza-la. Neto de Edílio Cordovil, produtor de Cacau no coração da Amazônia, que morreu antes de ver o império construído por seu filho Amando Cordovil e

da extração de castanhas, plantação de juta e transporte fluvial de cargas pelas águas do Amazonas, Arminto Cordovil é o herdeiro da fortuna e dos negócios, que após a morte do pai, se vê na responsabilidade de continuar o legado de exploração dos caboclos, ribeirinhos e imigrantes que vinham tentar a vida nessa parte do planeta.

Cresceu ouvindo histórias contadas nas aldeias e traduzida por Florita, sua ama e amante, brincando com os indígenas e presenciando na atmosfera da comunidade a presença dos encantados. A paixão arrebatadora por uma das órfãs do colégio das irmãs carmelitas seria o fim e o começo de uma aventura rumo aos espaços de encantamentos.

Esqueci o barco no dia em que meu olhar encontrou a moça do enterro de Amando. A mulher de duas idades. Dinaura. Não lembro com nitidez do rosto; dos olhos, sim, do olhar. Rever o que foi apagado pela memória é uma felicidade. Tudo voltou: o sorriso, o olhar no rosto anguloso, olhos mais puxados que os meus. (...) Quando Estiliano me ouviu falar de Dinaura, desdenhou: Essa é boa, um Cordovil embeijado por uma mulher que veio do mato. E Florita, sem conhecer a órfã, disse que o olhar dela era só feitiço: parecia uma dessas loucas que sonham em viver no fundo do rio.” (Hatoum, p.31, 2008)

O atributo da contemplação narcísica predito por Bacherlard (2018) retoma uma vez mais, agora em Arminto Cordovil, pois vive um estado de contemplação que lamenta e espera, que consola e agride, um duplo e que tem a água como espelho que reflete e evoca a lembrança “quando olho o Amazonas, a memória dispara, uma voz sai da minha boca e só paro de falar na hora que a ave graúda canta” (Hatoum, p. 14, 2008). As águas rememoram o encontro e a lembrança de que ao ver pela primeira vez a indígena ele se sentiu atraído pelo seu olhar misterioso de um rio de mistérios, um olhar de feitiços, “parecia uma dessas loucas que sonham em viver no fundo rio.” O olhar, “às vezes um olhar tem a força do desejo” (Hatoum, p.32, 2008).

A história de Arminto de atrela a de Dinaura, cunhatã ora órfã, ora dona das águas. Uma história de amor não vivida, uma história de mistérios, em que o narrador recorre a memória uma evocação de presença. Várias foram as tentativas de encontrar Dinaura, de viver o amor que ascendera no velório do pai, mas “nunca vai ser amada quem não é de ninguém.” (Hatoum, p. 37, 2018) A comunidade de Vila Bela estava habituada ao plano real e ao imaginário, convivia com as duas formas, creditava aos seres da floresta e das águas os acontecimentos sobrenaturais, criam na força que vem desses espaços. Nesses lugares a cultura se mantém através dos valores advindos da oralidade, em que predomina a relação do homem com a natureza.

No porto de Vila Bela, alguém espalhou que a órfã era uma cobra sucuri que ia me devorar e depois me arrastar para uma cidade no fundo do rio. E que eu devia quebrar o encanto antes de ser transformado numa criatura diabólica. Como Dinaura não falava com ninguém, surgiram rumos de que as pessoas caladas eram enfeitiçadas por Jurupari, deus do Mal. (Hatoum, p. 34, 2018)

O homem amazônico vai imprimindo sua marca, constrói sua visão de mundo a partir de uma conjunção entre a paisagem geográfica, física, e o mundo do devaneio. Acreditam em sua cosmogonia e levam avante sua sabedoria, a fim de que se perpetue a tradição e a identidade do lugar. Para a comunidade de Vila Bela, a órfã era um ser encantado, uma sucuri capaz de devorar quem a enfrentasse e de levar para o fundo do rio a quem desejasse. Histórias que se escutam nas rodas de conversas entre os mais velhos, dotados de sabedoria, e os mais novos, aprendizes dessas tradições, nas aldeias e barrancos das beiras dos rios.

3 Estatuto dos encantados e encantarias

As comunidades de águas, rodeada pelas águas, convivem com seus encantados, a água é poética e agrupa as imagens, dilui as substâncias em auxílio a imaginação no objetivo de descaracterizar o imediato; é um elemento de pureza e de produção da imaginação (Bachelard, 2018). Em entrevista João Jesus de Paes Loureiro, afirma que “a água doce e fluente (que são exatamente as águas dos nossos rios, doces e corrente) é mediadora para a explosão do imaginário na relação do homem com a natureza e dos homens entre si”, são águas e seres de água que atraem o homem para si e que colocam em um mesmo patamar o real e o imaginário, como Dinaura-serpente ou o velho-jacaré.

São “várias as histórias de homens e mulheres, todos vítimas de um ser encantado que surgia em sonhos, cantando a mesma canção de amor. Eram atraídos pela vez e pelo cheiro da sedução”, as águas produzem encantados, assim como os recebem. Essas águas não podem ser águas de mar, agitadas, bravias, salgadas e narradas desde os relatos de viagens, sendo assim, as águas salgadas não podem ser a águas dos sonhos, do devaneio e por ser falado, narrado, o mar “se dispersa em narrativas de aventuras, um inconsciente que não dorme. Perde assim, imediatamente, suas forças oníricas” (Bachelard, p.159, 2018), que necessariamente são águas calmas, correntes, mas misteriosas, que arrastam o que veem pelas margens, matam, destrói, carregam, alimentam, limpam, purificam. São águas doces e que seduzem.

O velho pai, personagem enigma, constrói para si uma canoa, se aventura a morar no meio do rio, um rio de águas profundas e volumosas, a cunhatã convida o seu amado a morar

com ela no fundo do rio. O homem silencioso que “nunca mais falou palavra, com pessoa alguma” (Rosa, p. 80, 2001) remonta a mulher que com “uma voz mansa e um pouco cantada (...) falava de um mundo melhor no fundo do rio” (Hatoum, p.41, 2008), seres de mistérios e de águas que permeiam o imaginário do lugar a que pertencem.

Seres de uma vida ditada pelas águas, pelo tempo das águas, pelas correntes que passam ao fundo, pelas margens que se complementam aos seus construtos. A água é para eles uma “espécie de pátria universal” com reflexos de si e do mundo atrelada à profundidade. O que queria o pai em A terceira margem? Se reconhecer nessa pátria, talvez, um encontro consigo. O que queria Dinaura em *Órfãos do Eldorado*? Fazer habitar de amor carnal, desejo e volúpia, sua pátria-água no fundo do rio.

O imaginário é o criador central das epifanias na Amazônia e nos Sertões. Entre a mata, o rio, as aves, peixes, animais, as gentes, os mitos e os deuses e uma “comunhão com o maravilhoso”, o devaneio profundo marcado pelas águas abaliza o eterno. A história de Dinaura e Armitno Cordovil, narrada em *Órfãos do Eldorado* (2008), é de um viés dramático e enigmático como as águas escuras, quase esverdeadas, de alguns rios da Amazônia. Dinaura desaparece da vida, das margens, de Armitno Cordovil, que passa a lhe procurar e ao saber da história da cidade encantada, do Eldorado, resolve ali buscar por seu grande amor.

O Eldorado, eleito pelos colonizadores, a terra encantada onde das águas jorram riquezas, a verdadeira cidade aurífera, onde provavelmente estaria Dinaura, já que os vilões a imaginam como um ser encantando do fundo das águas. “Viajei numa embarcação velha: um vapor do Mississippi, o último que navegava na Amazônia (...) aquela podia ser a viagem da minha vida, ao coração esquivo da mulher que eu amava” (Hatoum, p.100, 2008) a última viagem é por vezes a primeira viagem.

4 A viagem como travessia

A viagem é um tema que permeia a obra de Guimarães Rosa, “existir e viajar se confundem” (Nunes, p.80, 2013) em suas narrativas, os cenários fluem, as personagens não se fixam em um lugar, nem mesmo na canoa. O pai faz uma espécie de viagem, uma busca de demanda solitária e ao chama-lo de volta a margem com intuito de assumir o seu lugar, como em um rito passagem, o filho reclama “pai, o senhor está velho, já fez o seu tanto... Agora, o senhor vem, não carece mais... O senhor vem, e eu agora, mesmo, quando que seja, a ambas

vontades, eu tomo o seu lugar, do senhor, na canoa!...” no que ao escutar o pedido do filho, o pai “manejou o remo n’água, proava para cá, concordando” (Rosa, p.53, 2001).

O filho, agora em idade madura, tomado pelo medo, resolve não percorrer a viagem do pai-caronte. A canoa pequena, o vapor pequeno, a ilha encantada, o rio de encanto, são símbolos de uma viagem de descobrimentos íntimos que se percorre só. Cada sujeito faz a sua própria viagem. “O destino é o que há de mais importante na vida” (Hatoum, p.100, 2008)

A navegação pelos Anavilhas faz Arminto esquecer as águas escuras do Uaiacurapá, ele agora se deixa levar pelas águas do rio Negro, devaneado, duplamente encantado, seja pelas águas, seja por Dinaura. Após, horas de viagem pelo rio e mata adentro, no fim de um atalho avista o lago do Eldorado. “A água preta, quase azulada. E a superfície lisa e quieta como um espelho deitado na noite” (Hatoum, p.102, 2008)

Essas águas demarcam o cenário de um misterioso encontro, de um encontro com as encantarias, “aquele lugar tão bonito, o Eldorado, era habitado pela solidão” que também habita o rio de A terceira margem “nosso pai passava a largo, avistado ou diluso, cruzando na canoa, sem deixar ninguém se chegar à pega ou à fala” (Rosa, p.80, 2001), o silêncio, a contemplação, no que a “água é matéria em que Natureza, em reflexos comoventes, prepara o castelo dos sonhos” (Bachelard, p.54, 2018) de Arminto e do pai são elementos de água, fundamentais no devaneio, no encontro, na purificação e na passagem.

O povoado ermo no meio das águas escuras e misteriosas, a canoa nas águas grandes de um rio de uma margem terceira que não se mostra com clareza, o não-lugar, entre matas, margens e águas. O atributo da incerteza das margens ou do fundo das águas escuras toma conta da narrativa hatouniana e rosiana.

Ao avistar o pai no meio daquele rio depois de muitos dias do início de sua jornada, nesta viagem/navegação, o filho se surpreende: “Ele me pareceu vir da parte do além” (Rosa, p.83, 2001), assim como com Dinaura, o retorno do além assinala medo e mistério que são recuperados pela memória do filho, do pai que desapareceu à sua negativa “sei que ninguém soube mais dele. Sou homem, depois desse falimento?” (Rosa, p.84, 2001) a lembrança do amor-encantamento de Arminto Cordovil “quantas palavras eu tentei dizer para Dinaura, quantas coisas ela não pôde ouvir de mim. Espero o macucauá cantar no fim da tarde. Aí a nossa noite começa” (Hatoum, p.103, 2008), marcam os cursos de águas que as narrativas tomam.

Considerações Finais

A poética das águas guarda esses desaparecimentos com ar de falecimento, de fim e de retorno, os rios “humaniza os reflexos e as sombras. Conhece-lhes o drama, a dor” (Bachelard, p. 91, 2001) de espera da noite, da lua e de suas fantasias. Águas doces, lugares de mistérios, são poéticas as margens dos rios e os seres que habitam suas profundezas. As águas que anunciam e ocultam cidades invisíveis, que abrigam seres que se fazem encantados, que marcam a passagem do tempo da Amazônia e dos Sertões; do tempo e do espaço no texto literário.

“Água mistura aqui seus símbolos ambivalentes de nascimento e morte. É uma substância cheia de reminiscências e de devaneios divinatórios” (Bachelard, p. 93, 2001). A margem diz dos silenciamentos, dos mistérios, do imaginário, das vidas em trânsitos que perpassam seus cursos que atravessam e regem tudo o que encontram pela frente. A água “que não para, de longas beiras” que de uma forma ou de outra atravessa quem se deixa pela deusa tocar.

A poética das águas abriga o imaginário, os encantados, os sujeitos amazônicos, sertanejos, os sonhos, os desejos e os devaneios, é ela a valorização da pureza. O homem da Amazônia e do Sertão é governado por um sistema de funções culturais de onde advém sua identidade, seu pertencimento e cosmogonia. A regência desse sistema cultural se encontra na irmandade que estes sujeitos têm seja com a margem, beirada pelas matas, seja pelo profundo das escuras águas que abrigam os seres encantados.

Referenciais Bibliográficos

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1989

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. 3º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2018

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre o Azul, 2006.

GOTLIB, N. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 2006

HATOUM, Milton. **Órfãos do Eldorado**. São Paulo: Cia das Letras, 2008

NOGUEIRA, M. G. C; Sampaio, S. M.G; Pissinatti, L. G. **Escrito das margens e outras vozes**. In. Escritos das margens e suas vozes. Org. por Sonia Maria Gomes Sampaio, Mara Genecy

Centeno, Larissa Gotti Pissinatti. - Porto Velho, RO: Coleção Pós-Graduação da UNIR - EDUFRO, 2020

NUNES, Benedito. **A Rosa o que é de Rosa: literatura e filosofia em Guimarães Rosa.** Organização de Victor Sales Pinheiro. Rio de Janeiro: DIFEL, 2013

PIZARRO, Ana. **Amazônia: as vozes do rio: imaginário e modernização.** Trad. Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012.

PAES LOUREIRO, João Jesus. **Cultura Amazônica – uma poética do imaginário.** Belém: Cultural Brasil, 2015.

PAES LOUREIRO, João Jesus. **Encantarias da palavra.** Belém: EDUFPA, 2017.

PAES LOUREIRO, João Jesus. **Encantaria da Linguagem.** Entrevista concedida a Angela Almeida. Cronos, Natal-RN, V.3, n.1, p.14/-150, jan./jun. 2002.

ROSA, João Guimarães. **A terceira margem do rio.** In: Primeiras histórias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 79-85.

TOCANTINS, Leandro. **O rio comanda a vida: uma interpretação da Amazônia.** 9ª edição. Manaus: Editora Valer/Edições Governo do Estado, 2000.